

TRINITY LIVA

1
JUNHO
1974

À Biblioteca Pública de
Braga

SEMÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR: João Barbosa de Macedo

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO
{ LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

UM POVO LIVRE

Pelas primeiras semanas com que o Novo Regime Político brindou a Nação, pode bem adivinhar-se que pretende fazer-se dos portugueses um Povo eminentemente democrático.

Já se afirmou, com propriedade, que o Senhor Presidente da República pretende ser chefe de um povo livre. Alguém adiantou que poderia estar a preparar-se em Portugal a democracia do século XXI. A extrema esquerda afirmou, mesmo, que o nosso processo de democratização tem qualquer coisa de original, e, ninguém melhor, para apreciar tal evolução.

Sem dúvida que se operou um desbobinar de acontecimentos, logo após a tensão nervosa que dinamizou as massas e deu lugar à extraordinária manifestação da Primeira de Maio, acontecimento que, em nosso entender, dificilmente poderá produzir-se outro, tão grandioso e tão belo de espontaneidade.

Viveu o Povo, durante as três primeiras semanas, praticamente, sem governo, sem polícia, sem rigidez de lei, bastando-lhe gritar, em descargas nervosas de contentamento, para se manter com certo civismo, mas não há dúvida, sem espírito de colaboração, muito apressado em servir egoísmos recalçados.

Temos de aprender a ser livres, dentro da noção exacta de que a liberdade de cada um, termina, onde começa o direito dos outros.

Foi maravilhosa a libertação dos presos políticos e o afluxo dos refugiados, uns e outros, privados de viver ao sol da Pátria. A liberdade de expressão, reunião e associação começou a operar-se, imediatamente. O conhecimento externo, do processo de democratização que vai rapidamente levando a cabo o nosso País provocou uma completa viragem política internacional a nosso favor, tudo, sem que se verificasse estremeamento cambial, mantendo-se a solidez do escudo. Toda a Nação, una e pluricontinental, que ainda é e oxalá pudesse continuar a ser por vontade do Povo, estremeceu de frêmito. Na Metrópole e no Ultramar formaram-se, imediatamente, 53 partidos á procura de soluções, embora esta proliferação manifeste natural imaturidade

política. Os chamados "movimentos libertadores" que alimentam as malfadadas guerrilhas que nos levam os filhos ao combate, e, por vezes, á morte, foram convidados a regressar ao território nacional sem a nódoa da derrota, para ingressarem os seus elementos na vida política nacional e participaram no processo de autodeterminação, pois são palavras de chefe do Estado: "O destino do Ultramar terá de ser democraticamente decidido por todos os que áquela terra chamam sua".

Começou por fazer-se uma sondagem psicológica, com toda a liberalização concedida, ao porem-se as multidões a respirar liberdade a plenos pulmões e a transpirar suores de tendências anímicas que lhes recalçavam o espírito. Esta excelente sondagem á alma nacional, a maior parte dela gravada e escrita, dará ao Governo a medida aproximada das causas que afligem os portugueses, para preparar o diagnóstico que conduzirá á cura.

Custou ouvir defenderem-se aberrações que consideramos verdadeiras imoralidades como a legalização do aborto, do adultério e da homossexualidade, por exemplo; ou a negação do direito á propriedade, privada, e, com panfletos, sugerir que não se cantasse Hino Nacional, cântico dos burgueses, mas sim a Internacional; estas e outras coisas que não estão no programa do Governo nem na vontade do Povo Português.

Contudo, a subtil medida de convidar os Secretários Gerais dos partidos Socialista e Comunista para ministros, poderá parecer experiência arriscada mas apresenta-se, para já, como valioso contributo de unidade política, que está a dar bons frutos.

Os corajosos Homens do 25 de Abril tomaram sobre si grande responsabilidade e dão mostras de aptidão, mas necessitem da colaboração de todos os portugueses, nesta hora decisiva, em que se prepara o verdadeiro Futuro de Portugal.

Jaime Macedo

VIDA POLITICA

Continuam, no nosso concelho, as actividades dos grupos que a seu modo traçam o futuro ou querem resolver os problemas do momento. Por vezes as coisas estão a ser feitas com excitação demasiada devido á acção de certas unidades que vivem fora do Concelho, que nunca foram nada e que aproveitam o momento para chegarem e mandarem. Pelo menos para discursarem e dizerem quanto lhes apetece, invadindo os campos da religião e das intuições da freguesia pois tudo é feito por rivalidades pessoais.

A Comissão do Movimento Democrático continua as reuniões na intenção de resolver o problema da Camara. Demos a entender no ultimo número que havia cisões. Elas acentuaram-se nas reuniões de Domingo e houve mesmo criação de novos grupos. Quer dizer que na reunião que amanhã se vai efectuar para escolha da Comissão Administrativa já só deve tomar parte um dos lados. O outro buscará outrassoluções.

Continua na 4.a página

BRAVO MEU GENERAL Cuidado, Senhor Ministro

Troaram como se fôsse linguagem de potente canhão as palavras do general Galvão de Melo em hora feliz dirigidas aos bons portugueses. Relâmpago de esperança no que vai sendo já cenários de muitos receios.

Se a Nação fosse um comício naquele momento o sr. General escutaria a maior ovação do ano. O cerne dos bons portugueses.

Portugal quer hoje a Democracia ainda mais do que na manhã de 25 de Abril, mas está possuído de justo receio, teme os excessos.

As forças Armadas estão atentas e hão-de cumprir a sua missão! Que Deus as ajude.

* * *

Já temos Ministro para os assuntos Administrativos. Já se atenuaram as precipitações.

É preciso, contudo, muito cuidado. O joio fez-se democrata e infiltrou-se no trigo.

Democratizar o Ensino

A 5 de Maio de 1973 há um ano, portanto,—em artigo com o titulo "Democratização do Ensino", coloquei o termo tão apregoado pelo país, no seu devido lugar, porque nesse tempo a dissolvida assembleia nacional discutia a reforma do Ensino Educativo e em que me queixava da maneira pouco explicita como se pretendia inteirar o publico acerca de tal reforma.

Agora, pela palavra lapidar do magnífico reitor da Universidade do Porto, sr. doutor Rui Luís Gomes, obtive notável sanção, ao ler S. Ex.º: "Não conheço completamente a nossa reforma do Ensino. De resto, considero uma farsa falar-se em democratização do ensino dentro dum regime anti-democrático."

E nesse artigo inserto no nosso jornal n.º 546 dizia eu: "Ora, se me dão licença, entendemos por democratização do ensino, o acesso de toda a gente á sua possibilidade de aprender, sem restri-

ções de ordem material, o que deve inserir-se na Lei do Sistema Educativo. Houve, talvez, da parte dos nossos representantes legislativos determinado "olvido, acerca da maneira de encarar esse sistema, sob um aspecto que reputamos essencial".

Fosso, pois, sentir-me ufano por, a um ano de distância, pensar coerentemente com o ideário dum dos maiores valores da Instrução nacional, valor posto á margem pelo governo ditatorial e, ipso facto, ostensivamente proibido de colocar a sua excepcional inteligência ao serviço da investigação científica da Nação.

Este, como outros notáveis pedagogos serão—e vão ser—os unicos capazes de democratizar o Ensino, sem colocar capciosamente o discutido termo na escolaridade nacional.

É que hoje já se pode democratizar o Ensino, uma vez que estamos numa Democracia!

MILITÃO PORTO

Aplidando-se ouro de lei pretende afastar tudo quanto possa limitar-lhe a ambição.

Em meios pequenos como o nosso, em que o povo a todos conhece, a coisa torna-se escandalosa e ridícula, acrescida do facto dos Movimentos do Distrito alcandorarem quem lhes convém, sem conhecerem, contra a vontade de todos e sem olhar ao mínimo de coerência que se impõe.

O concelho sabe e concorda que temos dois vultos democratas incontestados e incontestáveis e um ou outro elemento merecedor de respeito. Mas ninguém ignora que inopinada e subitamente se arvoraram em graduados oportunistas que só não foram nada no antigo regime porque as suas vidas dentro e fora de casa, na profissão e nos arranjos, não permitiria que o fossem mesmo num estado corrupto. É que, nestes meios pequenos, essa corrupção tinha limites para ser tolerada.

Em verdade se tem de dizer que as Câmaras são, entre nós, casas admiradas e respeitadas, dirigidas, em regra, com dignidade e lisura. É preciso que de futuro sejam ainda mais prestigiadas.

Em política—disse o actual Chefe do Estado—o que é, é. Ora que teríamos de dizer nós se dora—avante nos Municípios ou fora deles a política fosse dirigida por candongueiros, passadores, engajadores, falsificadores, devassos, semi-analfabetos e falidos, homens de más contas e má nota, ou crianças imberbes, atrevidos e irreverentes! E se todo este fadário se enquadrasse numa dúzia de pseudo-líderes?

Estamos muito á vontade e temos muitas razões para dizer:

—Cuidado, Senhor Ministro da Administração Interna.

M. G. da Silva.

5.ª COLUNA

Não sei, nem interessa, como o meu Leitor descobriu o meu endereço. Também tolo—e é de tolerar—o seu

«Continua na 4.a página»

Festas de S.^{to} António

De 13 a 16 de Junho

Dia 13

Alvorada com salva de 21 tiros e toque festivo dos sinos. Começo das tradicionais Festas.

11 horas—Missa Solene de Santo António—panegírico por um distinto e afamado orador sacro.

12 horas—Entrada da afamada Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares—Arruamento pelas principais artérias da Vila.

18 horas—Imponente procissão em honra de Santo António, com centenas de figuras elegóricas e vistosos andores.

21,30 horas—Exibição do conjunto Juvenil de Nogueira da Maia.

23 horas—Baile Popular, Fogueiras de Santo António e Fogo Preso.

Dia 14

Durante o dia, música seleccionada gravada

21,30 horas—Arraial e baile popular, no Largo da Vila, com a colaboração do Conjunto Típico ROSA VERDE—de Vizela.



Dia 15

15 horas—Apresentação do Rancho Folclórico Infantil—da Vila de Amares

21,30 —Festival Folclórico

Gonçalo São Paio—Braga e Lavradeiras de Amares

À Noite—Sessão de Fogo de Artifício

Dia 16

(último dia das Festas)

10 horas—Ciclismo—Circuito de Santo António—Para corredores populares em representação dos melhores clubes do norte com taças e valiosos prémios.

14,30—Entrada das distintas Bandas Musicais da Polícia de Segurança Pública do Porto e Trofa

(Concertos até á uma da manhã)

AS DUAS ORFÃS

(Continuado do número anterior)

—Da minha inocência!

—Fique a senha—ordenou o gerente—Quanto a Dolores, é favor abreviar. Numa casa de trabalho, o tempo é dinheiro!

—Sim... eu sei!... Para os senhores, o tempo é dinheiro, é oiro; as palavras são diamantes. Para mim—disse ainda Dolores, com acento irónico—nada é nada vale nem o comportamento nesta casa, nem as minhas súplicas, nem os meus interesses, nem a minha situação de mulher indefesa, nem a minha própria honra!

Soltou um profundo suspiro, e acrescentou, num tom amargurado:

—Se me despede, é porque, sem dúvida, a senhora viúva de D. Leandro crê que eu lhe roubara o carinho do seu marido.

—Assim deve ser—corroborou o gerente, num tom duro.

—Pobre de mim!...—e, mudando de tom:—Pois bem, eu dou por testemunha a senhora secretária, visto ela ter assistido ao que se passou aqui entre mim e o senhor D. Leandro. Diga-me: Não é verdade que eu entrei aqui no dia do crime, estando a senhora presente. Mas diga só a verdade, por favor.

—Isso é verdade.

—Não é verdade que eu falei com D. Leandro no caso da senhora Filipa.

—Isso, não sei.

—Não sabe? Mas se a senhora estava aí nesse mesmo lugar! Ouvia perfeitamente como eu falei com D. Leandro, como lhe roguei que se interessasse pela pobre velhinha; ouviu como ele, por brincadeira me chamou bolchevista; ouviu que eu lhe disse que ia visitar a velhinha...

«É verdade, ou não é?

A secretária estava pálida.

O olhar acusador de Dolores, intimava-a a dizer a verdade.

Outra coisa, porém, a impedia de falar: o olhar frio do gerente.

E esse olhar fê-la tremer de medo. Medo de dizer a verdade, medo de perder o emprego. Se a viúva do falecido Leandro tinha resolvido por Dolores na rua e a secretária falasse a favor da inocente, confessando a verdade e destruindo as razões aparentes que tinham para a despedir, não seria essa senhora capaz de a pôr na rua em lugar da Dolores?...

Era isto o que a secretária temia.

Era o egoísmo o que a fazia retrair.

Era a falta de coragem.

Era o medo cobarde que sentem todos os empregados que têm um bom lugar na vida, ao pensarem que podem perder o seu pão e o seu bem-estar, embora digam a verdade.

A firmesa de Dolores, quando afirmava a sua inocência, impedia a secretária a dizer a verdade, a confessar tudo quanto tinha ouvido, a contar o caso do medalhão, tal como se dera.

Mas o medo de perder a situação que ocupava na casa, era como se lhe atassem as mãos e lhe cosessem a língua.

Não! Devia calar-se!

Que horrível cobardia!

Friamente, com uma dignidade que era só afectação, exclamou:

—Quando estou a trabalhar, não costumo escutar o que se diz na minha presença.

Virgem Santa!... São todos o mesmo!... Oíça, menina... Não se trata de ter escutado, à maneira de bisbilhote, não, deve ter voltado a cabeça para prestar a devida atenção. Trata-se de ter ouvido por força—«porque não podia deixar de ouvir»—a conversação que eu tive, diante de si, com o senhor D. Leandro.

—Não percebi uma palavra... Entretida como estava com o meu trabalho, não dei atenção à conversa!

—Deus do céu!... Pois a senhora tem coragem para dizer que não ouviu uma coisa que devia ter ouvido perfeitamente?

—Repito que estava absorta no meu trabalho e que não percebi nada da conversa.

—É lá possível!... A dois passos de nós, como a senhora

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Desapareceu uma figura típica da Feira Nova

Na passada quarta-feira, quando exercia o seu trabalho como carregador nas carreiras eventuais-Bouro-Feira Nova, foi acometido de doença súbita, falecendo a caminho do Hospital, onde prontamente foi transportado pelos Bombeiros V. Locais, o conhecido «Joaquim Mudo».

Figura típica da vila, a todos conhecia e explicava suas razões por gestos, sendo até muito estimado por todas as pessoas do concelho pelo seu trabalho, honestidade e honradez.

Quando foi conhecida a sua morte, toda a gente ficou consternada pelo inesperado do acontecimento, atendendo até que a sua idade, 55 anos, não o fazia prever, e a sua maneira de ser alegre, despreocupado e pronto a ajudar fosse quem fosse.

Foi, por assim dizer, um desaparecimento prematuro que a todos chocou, porque o desaparecimento do «Quim Mudo» por todos, grandes e pequenos, foi sentido.

Paz à sua alma. Que Deus o receba em sua Eterna Bemaventurança.

«Levantai a mão os que tendes fome»

Criança, senti fome,
Chorei
Por um pedaço de pão
— É duro.
Na escola,
Eu via os outros comer
E até deitar fora
Aquilo de que eu precisava.
— É duro!
Mas é nada que se pareça
Com a vergonha sofrida
Quando, na escola, a professora
Comprava pão
—«Levantai a mão
Os que tendes fome»—
Os dedos me formigavam
E eu ficava de mãos baixas
E os olhos me brilhavam
De lágrimas reprimidas
E a professora percebia
E discretamente, à saída,
Entregava-me um pãozinho,
Um pãozinho,
E eu deixava de ter fome.

CARROS DE ALUGUER
PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

Adelino da Silva e Sousa

MOTORISTA DE PRAÇA

RUA DA DEVEZA N.º 7

PRAÇA
TELEF. 22424

BRAGA

RESIDÊNCIA
TELEF. 26220

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, dia 1, passa o aniversário natalício a sra. D. Maria Cândida Vieira Pereira, esposa do nosso assinante sr. Alberto da Silva Pereira, residentes em Angola.

Neste dia festeja também o seu aniversário o sr. Manuel Teixeira, conhecida figura Luso-canadiana, e nosso colaborador e assinante.

No dia 2 o sr. Carlos Augusto Martins, a quem felicitamos efusivamente.

No dia 4 o sr. Abílio da Mota Almeida e o jovem estudante Paulo Manuel da Silva Antunes.

No dia 6 a menina Mariana da Conceição Silva, filha do nosso assinante sr. João Batista da Silva.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

ANIVERSÁRIO

Amanhã, dia 2, passa o aniversário natalício da gentil menina Maria Helena Borges Magalhães, protegida desde pequenina pela bondosa alma que é a Senhora D. Rosa Maria Veloso Ribeiro, comerciante, desta vila.

Desejamos à aniversariante um dia muito feliz, que esta data se repita por muitos e venturosos anos, na companhia da sua Benteitora e mais familiares. Parabens.

ANIVERSÁRIO

JOSÉ EDUARDO GONÇALVES

No próximo dia 5 passa mais um aniversário natalício o nosso dedicado assinante sr. José Eduardo Macedo Gonçalves, industrial em Lisboa.

Seus familiares cá residentes enviam-lhe cordias saudações e desejam-lhe que esta data se repita por muitos e felizes anos junto de seus familiares e pessoas amigas.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Não te Rias!

Se acaso, um dia,

Souberes desta verdade que me queima:

Não te rias!

Na sombra do meu anseio

Ficará essa árvore, do caminho,

Frondosa e bela... .

Marcando a passagem

De alguém, embora sã,

Recorda vivendo

Minutos desejados... .

Que separam ainda mais

Os dias das nossas vidas!

Mena Faria

Veja se acerto

PROBLEMA ÁRABE

Eis um velho problema árabe.

O sultão Adbul Hamid, desejando escolher entre os seus conselheiros o mais astuto e enérgico para o nomear comandante do exército, mandou colocar um cesto de tâmaras no centro de um grande tapete.

E disse aos candidatos:

«Entrareis nesta sala cada um por sua vez na minha presença. Confiarei o comando do meu exército ao que chegar ao cesto das tâmaras sem colocar os pés nem as mãos sobre o tapete e sem utilizar qualquer instrumento acessório».

Um dos candidatos alcançou o alvo. Como procedeu?

PARA REFLECTIR (PASSATEMPO)

Se quatro homens podem construir quatro barcos em quatro dias, quantos dias são precisos a um homem só para construir um barco?

ADIVINHA

Que é que é que não passou porque passou quem passou? Se não passasse quem pas-

sou, passava. Assim, como passou quem passou, não passou...

E ESTA?

Qual o número que somado é maior que multiplicado?

ADIVINHA

Era um veículo pesado de duplo e grosso rodado com serviço d'aluguer. Carregando quatrocentos. Podem dizer-me em momentos, qual o nome do «chauffeur»?

VEJA SE ACERTA NUM MINUTO?

Tomai um certo número, acrescentai-lhe 20, dividi o resultado por 20 para obter no final 20. Que número será?

ÉS CAPAZ?

Eis um ditado chinês a que se acrescentou cinco palavras que nada têm com o texto original. Risca-as.

Quando chove, na estação é preciso muita objectividade primaveril para dizer que chove se o disse antes de ti quando cessar o teu maior inimigo».

PROBLEMA

Como se arranjará o manejo de quatro setes para que o seu produto seja igual a cinquenta e seis?

Os problemas da Vila analisados por um fascio-bacôco

...agora o povo é quem mais ordena!

Com o pedido de publicação recebemos:

O mais requintado fascista cá do stio entendeu que o advento do 25 de Abril lhe permitia pedir à Junta de Salvação Nacional a modificação do *stato quo* urbanístico da Vila pela abolição do Decreto que estabeleceu os limites da mesma. E, com uma lata muito própria da sua característica lata, vai de publicar num jornal da cidade uma notícia em que ataca o regime em que foi e é presidente da Junta e presidente da casa do Povo e em que tanto escreveu para os órgãos de opressão a queixar-se de tudo e de todos, chegando ao cúmulo de subtrair uma carta do Grémio da Lavoura e se auto-nomear para um cargo importante. O burguês-capitalista que nunca fez um filho, plantou uma árvore ou escreveu qualquer coisa (ele só assina o que lhe põem na frente); o indivíduo que celeremente vai vendendo o largo património que lhe deixaram para trocar de carro três ou quatro vezes por ano, armou-se agora em porta-voz do povo para dizer que o seu regime foi injusto e fazia fretes e que é preciso acabar com os rastos desses fretes.

Pois é, sr. Leite, pois é! Temos de proclamar todos que o regime anterior foi um túbio, não encarava os problemas de frente, não ia para as soluções totais. E é preciso resolver de vez.

Agora tudo é fácil, tudo é simples. O povo é quem mais ordena, para cada indivíduo um voto, para a maioria a solução.

Vá lá que pela primeira vez se confessa que a Vila não tem possibilidade de união geográfica e urbanística, pois a depressão e o ribeiro lhe impedem. Vá lá que se fala em revisão. Pois vamos à revisão por vontade do povo. Mesmo os parasitas, os ébrios de dinheiro, os ineptos, os esbanjadores, terão um voto-pessoa. Nós queremos assim. Mas não queremos eleitos, não queremos feudos, não queremos privilégios.

O sr. queixa-se que tiraram direitos a Amares, os povos da Feira Nova dizem que a não deixaram desenvolver por tibieza. O sr. acha que o Decreto tentou desconhecer uma depressão do terreno que é um facto, os da Feira Nova entendem que isso é tão verdade que se devia logo decidir de vez e na totalidade, pondo a Vila onde devia ser e já tinha sido. O sr. receia que se não faça o Palácio da Justiça por já não estar na Feira Nova, os de cá dizem que foram eles quem tornou possível a realização mas por

imposição do Governo, pois é uma orgia que agora vai custar 20.000 contos, não serve a ninguém. O sr. atribui a este jornal certas atitudes, quando, efectivamente, foi esta Comissão que as tomou.

O sr. fala num inquérito à Câmara de Amares. E porque não? Fomos nós quem, em primeiro lugar, publicamente, pedimos o saneamento de vários casos, designando-os. Certamente que sabe que já dois tiveram solução.

Somos de opinião que se resolvam os casos em que o povo e o Concelho são prejudicados, não importa que sejam os tais fascistas como sejam os que apregoam agora ser democratas de todos os costados e cometerem irregularidades de toda a forma e feitio, têm atrás de si um sodário negro de aleijões de toda a espécie.

O sr. fala na Câmara, nos comícios histéricos e irresponsáveis também se fala na Câmara, mas nada se lhe atribue de concreto. Todavia há fascistas e democratas cuja lista é uma coisa desoladora e terrível. Porque não fala o sr. neles? são seus correlecionários?

A democracia do Concelho vive horas difíceis. Os responsáveis por ela deixaram-se submergir. Ninguém ignora que o povo lúcido está alarmado.

Se a gente qualificada e decente aceitasse uma manifestação autêntica, seria uma coisa efectivamente grande. Sabe quem seria vitorioso? quem receberia a autêntica aclamação?

Olhe, sr. Leite, talvez quando leia isto saiba mais do que nós sabemos ao escrever.

Mas vamos ao seu caso. Acabemos:

Muita coisa está mal na Vila quanto ao sentido urbanístico. É preciso definir as coisas decisivamente. Área de urbanização, Palácio da Justiça, nova Câmara, são problemas a resolver rapidamente pela nova Câmara ouvido o povo.

Agora nada é difícil, não é preciso polémicas, o povo é quem mais ordena.

Deve proceder-se a um plebiscito: cada pessoa um voto. No questionário podem abarcar-se os três assuntos que o sr. levanta: área de urbanização, Palácio e nova Câmara. Pronunciam-se os povos das duas freguesias que constituem a Vila. Por maioria simples pode decidir-se o sim ou não frente à situação existente. No caso de um lado atingir dois terços poderá impôr soluções de base, isto é mudar, transformar, etc.

5.ª COLUNA

Continuado da 1.ª página

pretensão pseudónimo. Obrigado por essa exagerada admiração literária da minha Coluna. Às vezes, meu caro Leitor, acontece. Cada qual tem a sua "souplesse". Contudo, agradecimentos pela maneira de me fazer seu mentor, no desejo de escrever. Melhor: de desejar ser jornalista. Mensão para isso não lhe falta! Pela sua missiva reconhece-se que há aí Cultura, talento e inteligência. Não vou dizer-lhe que só isso é preciso para escrever em jornais. Não! Até a Cultura é imprecisa, mas se a houver torna-se coadonável. Há, porém, algo mais que essa trilogia. É necessário espírito observador, perspectiva, dedução rápida na maneira de auscultar o acontecimento e o conjunto do acontecido. Há mais. É preciso juntar-lhe certa substância: a prática. Esta prática, todavia, é adquirida na tipografia. Um autêntico jornalista não vem da Universidade. Essa impõe-no, naturalmente, mas a verdadeira cultura jornalística adquire-se do tipógrafo, do nosso querido tipógrafo, muito embora "gralhoso"—passe o termo—mas que vem trazer ao revisor das provas o alimento da sua sensorialidade, merda qual o que tenta escrever aprende e apreende a faz-lo para um público heterogéneo. E enquanto o indivíduo, que sente a sua vocação para escritor corrente—seja o jornalista—consegue *trabalhar* a pena dos maiores—revendos—deve ler três livros, pelo menos: o "Aprendiz de feiticeiro"; "D. Quixote"; "Inferno", de Dante.

Aqui reside a base da estrutura do jornalista de hoje: aprender; esgrimir; viajar nas profundezas do Universo.

Se tenho mais algum Leitor, além do que se me subscreveu, peço-lhe desculpa do arrazoado desta semana. Mas fui obrigado a responder. Mesmo que não interesse a outro, também fica a saber como devemos tratar consigo próprio. Não é verdade?

EME ABRIL

Augusto Lopes de Andrade

Na próxima quarta-feira festeja mais um aniversário o nosso colega de trabalho sr. Augusto Lopes de Andrade, actualmente a cumprir serviço militar na Póvoa de Varzim.

Os seus colegas desejam-lhe muitas felicidades e que passe um dia muito feliz junto de seus familiares e todas as pessoas queridas.

Parabens.

(ALBERTO)

Como vê queremos a lei do povo. Previlégios não, isso acabou.

Agora o povo é quem mais ordena.

Comissão de Unidade Democrática

Que Trapalhada...

Lê-se na "5.ª Coluna da *Tribuna Livre*", de 25 do corrente mês, que o autor respectivo diz saber que "*Católico não é Cristão*", mas que, apesar disso "*assiste às missas a seu modo*", por considerar "*S. Pedro o émulo da doutrina cristã*", causando assim grande trapalhada nas pessoas pouco sabedoras da Ciência de Deus que Ele deu a Cristo, Apóstolos e aos Profetas, ciência que teremos também, cada um de nós, vir a entender, razão porque me desculparão vir á estacada.

É que, pelo referido contexto, fácil é concluir que S. Pedro fora Católico, mas não Cristão, o que é uma tremenda blasfémia...

Porém, tendo sido exactamente o inverso, os bispos católicos, ou outros, tanto o do Porto como os de outras cidades, não sendo cristãos, como de facto o não são, por serem democráticos ou de qualquer outra feição, não são ministros de Deus, não têm o dom de Evangelizar cristãmente, dado que neles não reina seu Deus, pois que só havendo "*reino há ministro*"... (Apóc. I-6).

O padre que Deus quer, não se faz por outro padre qualquer porque, como se sa-

be ministro não faz ministro.

Mas, vamos a outro caso:

Também lemos na aludido jornal "*que o paganismo não conheceu a existência dum só Deus*", o que realmente é verdade, porém, tal conhecimento não basta. Há que conhecer o que Ele planeou, especialmente admitir que d' Ele temos na Alma uma "porção" (Pslm. 72 26), porque por ela é o caminho para o Alto (Jer. IX-24).

E, por hoje, fiquemos por aqui, dado o pouco espaço do jornal.

a)-Tenente-A. Coelho

Vida Política

«Continuado da 1.ª página»

É pena, no entanto, que os maus elementos que são quem tudo manda tivessem conseguido o desentendimento de que só beneficia a desordem. É tempo de dizermos que já toda a gente se apercebeu que exceptuando os dois nomes cimeiros a democracia cá no Concelho é uma zangata de oportunistas e atrevidos que nada valem pelo passado e pelo presente e nada garante para o futuro.

Começa a ser tempo de perguntar que legitimidade tem cada grupo para escolher nova Câmara e gerir o Concelho. Dirigidos por juntas de quarta classe de adultos cada um diz que manda e que papel enviado lá para baixo será sancionado.

Se é assim teremos de dizer que a nossa democracia tem algo de original.

Porque é que não deixam nomear o novo Governador Civil, e este, serenamente, escolhe quem mereça os cargos?

Que representatividade ha nestas escolhas?

A personalidade, e valor social e político do delegado?

Mas qual delegado? o da Comissão do centro, da esquerda ou da direita, ou o palpite do Distrito?

O numero e qualidade das assembleias que vêm a ser feitas?

O Concelho está cansado e descrente. Está mesmo surpreendido com o que vê.

Não é isto que pensam mesmo os novos democratas?

Não esqueçam que vão substituir uma Câmara de grande valia que realizou uma obra extraordinária e por cuja acção o Concelho ia receber no prazo dum ano, entre 20 a 30 mil contos.

Não esqueçam que podem furar paredes que não lhe encontrarão a mais pequena falha de honestidade.

... e se fossemos investigar o passado de alguns dos nossos democratas?

Festas a S.to António

Vai a Comissão de Festas do Concelho começar a subscrição pelas freguesias na forma dos anos anteriores.

Este ano, mais do que nunca, a Comissão tem sobre os seus ombros pesadas responsabilidades para dar cumprimento ao programa já tornado público.

Alguns subsídios prometidos deixaram de ser concedidos devido ao actual momento político, o que mais veio agravar a já difícil situação da Comissão.

Neste sentido, apela para a compreensão e dedicação de todos os Amareses, principalmente Feiranovenses, para que não deixem de colaborar e contribuir generosamente para as Festas engrandecendo assim o prestígio do nosso concelho.

A Comissão

Condições de Assinatura

Estrangeiro

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	40\$00
Avião—ano	180\$00